

Arquitetura Moderna e o Campus Reitoria da Universidade Federal do Paraná (Curitiba, década de 1950)¹

*Marcus Levy Bencostta*²

Resumo

86

Este artigo discute alguns dos significados da arquitetura universitária vinculada ao movimento moderno brasileiro na década de 1950 ao adotar como objeto de análise, o Campus Reitoria da Universidade Federal do Paraná, localizado na cidade de Curitiba. O tratamento aqui apresentado está centrado na problematização de um conjunto de fontes, tais como fotografias, plantas arquitetônicas e desenhos que levam à considerações que reconhecem a inserção do Campus Reitoria no movimento da arquitetura moderna brasileira e, também, como o

¹ Pesquisa financiada com recursos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

² Doutor em História pela Universidade de São Paulo (Brasil) e Professor Titular de História da Educação da Universidade Federal do Paraná (Brasil), com pós-doutorado pela *École Nationale Supérieure d'Architecture de Versailles* (França) e aperfeiçoamento em Arquitetura Escolar pela *Université du Québec à Montréal* (Canadá). Foi professor visitante na Universidade do Estado de Santa

grupo de seus edifícios dialogam com as transformações do tecido urbano e as políticas educacionais do período investigado. Nas principais referenciais constam apropriações pontuais de leituras indispensáveis de dois importantes pesquisadores que trataram da historiografia da arquitetura moderna brasileira, Yves Bruand e Hugo Segawa. E do ponto de vista da historiografia da educação, o artigo utiliza do pensamento de Antonio Viñao.

Palavras-chave

História da educação, arquitetura moderna, campus universitário.

Abstract

This article discusses some of the meanings of the university architecture linked to the Brazilian modern movement in the 1950s by adopting as the object of analysis the Rectory Campus of the Federal University of Paraná, located in the city of Curitiba. The

Catarina (Brasil), Tel Aviv University (Israel), Universidade Tiradentes (Brasil), The Hebrew University of Jerusalem (Israel) e no Centro de Investigación y de Estudios Avanzados (México). É Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em História da Arquitetura Escolar (NEPHArQE) e Pesquisador Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Brasil). E-mail: [marcus@ufpr.br], ORCID: [https://bit.ly/2opjrIK].

treatment presented here is centered in the problematization of a set of sources, such as photographs, architectural plans and drawings that lead to the considerations that recognize the insertion of the Rectory Campus in the movement of modern Brazilian architecture and, as well as the whole, how the group of its buildings dialogue with the transformations of the urban fabric and the educational policies of the investigated period. In the main references there are occasional appropriations of indispensable readings of two important researchers dealing with the historiography of modern Brazilian architecture, Yves Bruand and Hugo Segawa. And from the point of view of the historiography of education, the article uses the thought of Antonio Vinão.

Keywords

History of Education, Modern Architecture, University Campus.

Introdução: origens da Arquitetura Moderna no Brasil

Ao iniciar este artigo é importante sinalizar que a arquitetura moderna no Brasil soube bem se apropriar de aspectos

³ A Ditadura Vargas é considerada o evento mais contundente da história política do Brasil da primeira metade do século XX. Ela se inicia quando Getúlio Vargas, líder da denominada Revolução de 1930, depôs por meio de um golpe

consideráveis das vanguardas identificadas com as gramaticais internacionais. Do mesmo modo, é necessário destacar que ela possibilitou a incorporação de referências produzidas em solo nacional, e que não houve uma transferência imediata e automática dessas sintaxes arquiteturais manifestas na Europa ocidental para o movimento moderno brasileiro. Desse modo, ao se organizar na interface de um discurso que a aproximava das linguagens internacionais e a criatividade de nossos arquitetos frente às peculiaridades resultantes da experiência brasileira, o seu processo de surgimento na década de 1920, foi fortemente marcado pelo pensamento de Lúcio Costa, que se tornará sua principal referência nos momentos iniciais de formação de uma arquitetura moderna e brasileira.

Visto por este ângulo, articularemos nossa discussão a partir da seguinte questão: no intuito de identificar sentidos e significados, quais mensagens e discursos que as linguagens modernas adotadas pela arquitetura brasileira são perceptíveis no repertório do Campus Reitoria da Universidade Federal do Paraná (Brasil, década de 1950). E para atingir este objetivo, iniciarei por dois importantes eventos que marcam a história da arquitetura moderna brasileira.

O primeiro acontece nos anos de 1930, já na primeira década da Ditadura Vargas,³ quando são adotadas ações para

político-militar, o então presidente da República, Washington Luiz, e assume os plenos poderes do país, estabelecendo uma ditadura. Se na sua primeira fase (1930-1937), o regime foi identificado por um contexto de profundas mudanças

aquilatar o projeto do governo na elaboração de representações que identificassem o Estado brasileiro como moderno, quando foi projetada a sede do Ministério da Educação e Saúde Pública, por iniciativa do ministro da pasta correspondente, Gustavo Capanema que o encomendou ao arquiteto Lucio Costa e sua equipe.⁴

A singularidade dessa edificação, além de todas as particularidades históricas da concepção de seu projeto, em 1937, reside no emprego intencional e convicto da linguagem arquitetônica moderna em sua gramática. Tal como afirma o próprio Lucio Costa, em carta ao Ministro da Fazenda de Vargas, em 1939.

no cenário político e social brasileiro, quando, dentre outras medidas, estabeleceu o direito de voto feminino, promulgou novas leis que protegiam os trabalhadores e incorporou um teor nacionalista bastante acentuado para a economia, na sua fase posterior, ele é marcada por um processo de profunda radicalização de Getúlio Vargas, que liderou pessoalmente a instalação do Estado Novo (1937-1945), fazendo-o permanecer como chefe supremo da nação até o final da ditadura, em 1945. Momento em que o Brasil opta por um período de redemocratização, mas que irá durar quase duas décadas, quando se inicia a ditadura civil-militar de 1964 a 1982. Para maiores aprofundamento sugiro a



Figura 1. Edifício do Ministério da Educação e Saúde Pública (Atual Palácio Capanema).

Fonte: Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional.

consulta de Capelato (1998), Schwartzman, Bomeny & Costa (2000) e Neto (2002).

⁴ Capiteado por Lucio Costa, participaram na elaboração do projeto os seguintes arquitetos: Jorge Machado Moreira, Carlos Leão, Afonso Eduardo Reidy, Oscar Niemeyer e Ernani Vasconcelos. Le Corbusier, protagonista do movimento da arquitetura moderna na França, contratado para analisar o projeto dos arquitetos brasileiros, apresentou algumas modificações no projeto original. Participaram na composição artística, o paisagista Burle Marx, o pintor Cândido Portinari e o escultor Bruno Giorgi.

O fato, entretanto, é que, neste caso, não estamos, Sr. Ministro, a imitar aqui o que já se fez em outros países, nem tampouco a improvisar coisa alguma. Estamos simplesmente a aplicar, com consciência, os princípios reconhecidos pelos arquitetos modernos no mundo inteiro como fundamentais da nova técnica de construção, muito embora nenhum governo ainda os tivesse oficialmente adotado em obra de tamanho vulto. Trata-se assim, de um empreendimento de repercussão nacional e que como tal terá o seu lugar na história da arquitetura contemporânea (Carta de Lucio Costa endereçada ao Ministro da Fazenda, a pedido do Ministro Capanema, 27 de out. 1939. In: Costa, 1995: 133).

Logo após a sua finalização, em 1945, este edifício foi precocemente tombado⁵ pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em 1948, inventariado como a primeira obra monumental produzida pelo Estado que seguiu a risca os princípios da arquitetura moderna (Instituto, 1948). Entretanto, apesar do reconhecimento internacional como uma referência da arquitetura moderna, não é possível afirmar que a Ditadura Vargas tenha feito a opção única e exclusiva por essa linguagem na construção de prédios públicos (Segawa, 2006).

⁵ Dentre os significados que o verbo *tomb* possui na língua portuguesa está o de inventariar com fins de inscrever bens nos arquivos do Estado. No campo patrimonial esta expressão significa que um bem material ou imaterial tombado é aquele que o Estado assume a responsabilidade de conservá-lo e protegê-lo

O reconhecimento internacional provocou euforia na comunidade brasileira de arquitetos à procura de expressões que os aproximassem dos preceitos racionalistas preconizados por Walter Gropius, do brutalismo de Le Corbusier e do minimalismo de Ludwig Van der Rohe, contribuindo dessa maneira para que essa arquitetura se tornasse uma das mais valiosas contribuições à cultura contemporânea (Reis Filho, 1983).

Na década de 1950, com o regime político redemocratizado e livre da Ditadura de Getúlio Vargas, junta-se à trajetória do processo que consagrará definitivamente essa linguagem no Brasil, a construção de Brasília, a nova capital do país. Coube a Oscar Niemeyer a responsabilidade pelos projetos dos edifícios públicos e o Plano Piloto ao veterano Lucio Costa, com quem ele já tinha trabalhado no Edifício sede do Ministério da Educação e Saúde Pública, quando a capital do país ainda residia na cidade do Rio de Janeiro.

como de interesse público, quer seja pelo seu valor para a memória e história do lugar, quer seja pela sua importância arqueológica, artística, bibliográfica ou etnográfica. Também são passíveis de tombamento os monumentos naturais, os sítios e paisagens que importa conservar e proteger.

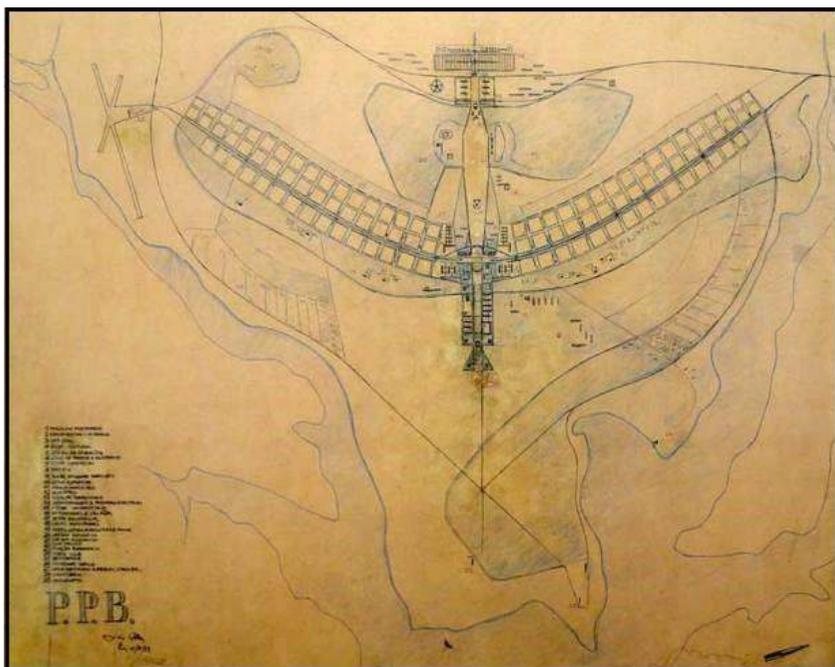


Figura 2. Plano Piloto de Brasília, de autoria de Lúcio Costa, vencedor no Concurso Nacional do Plano Piloto da Nova Capital do Brasil, em 1956. Fonte: Costa (1991).

Ambos foram contumazes defensores de um pensamento urbano que se harmonizava com o receituário do movimento moderno. Como é possível perceber na Praça dos Três Poderes, composta por três edificações que abrigam o poder legislativo (Palácio do Congresso Nacional), o executivo (Palácio do Planalto) e o judiciário (Supremo Tribunal Federal).

Segundo o testemunho de Niemeyer:

Mas a ideia de que o Congresso deveria se integrar na Praça me preocupava, o que explica ter mantido a cobertura desse palácio no nível das avenidas, permitindo aos que se aproximassem ver, por cima dela, entre as cúpulas projetadas, a Praça dos Três Poderes da qual este fazia parte. E com essa solução as cúpulas do Senado e da Câmara se fizeram mais imponentes, monumentais, exaltando a importância hierárquica que no conjunto representam (Niemeyer, 2004: 181).



Figura 3. Palácio do Congresso Nacional (Brasília).
Fonte: Biblioteca do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.



Figura 4. Palácio do Planalto (Brasília).

Fonte: Biblioteca do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.



Figura 5. Supremo Tribunal Federal (Brasília).

Fonte: Biblioteca do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Continua o testemunho do arquiteto:

Ao desenhar os Palácios do Planalto e do Supremo, deliberei mantê-los dentro das formas regulares, tendo como elemento de unidade plástica o mesmo tipo de apoio, o que explica o desenho mais livre que para as colunas desses dois edifícios adotei. E os palácios apenas tocando o chão (Niemeyer, 2004: 151).

Essa linguagem que se fortaleceu nas décadas de 1940-1960 tornou-se uma das vanguardas que modelaram obras ícones que consolidará a experiência do pensamento arquitetônico brasileiro. É interessante destacar que ação continuada de modelagem da arquitetura moderna brasileira foi elaborada entre os anos da ditadura de Getúlio Vargas, com a construção do Edifício do Ministério da Educação e Saúde na cidade do Rio de Janeiro, e o governo democrático do presidente Juscelino Kubitschek, com a criação de Brasília, a nova capital da República.

Algumas referências da Arquitetura Moderna em Curitiba (Paraná, Brasil)

Uma das constantes preocupações nos anos iniciais da incorporação da arquitetura moderna na capital do Estado do Paraná (Curitiba) foi o rompimento com o vocabulário eclético, preponderante desde os fins do Século XIX. A técnica do concreto armado era uma novidade a ser enfrentada, assim como a

introdução de elementos industrializados, tais como o vidro e o ferro, na construção de edifícios marcados por sua monumentalidade.

Certamente, a referência que demarca a introdução desse estilo na cidade e que foi tardiamente conhecida pela historiografia da arquitetura moderna paranaense, são as casas modernistas projetadas por Frederico Kirschgässne. A primeira para servir-lhe de residência particular (Curitiba, 1930), e a segunda para a família do irmão, Bernardo Kirschgässne (Curitiba, 1936).⁶

O Teatro Guaíra, a casa de espetáculos oficial do Estado do Paraná, é sinalizado como a obra de maior importância do jovem engenheiro-arquiteto Rubens Meister.⁷ No projeto que apresentou ao concurso para a construção de um novo edifício para o teatro, em 1948, ele soube dimensionar o uso do racionalismo *Bauhausiano*, contribuindo para que a cidade de Curitiba diluísse parte de sua timidez e participasse como protagonista da

⁶ Em São Paulo, o arquiteto e imigrante russo, Gregori Warchavchik, foi o primeiro a construir uma casa modernista (1927), introduzindo um novo repertório que o tornou em importante expoente da arquitetura moderna no Brasil.

⁷ Arquiteto do Movimento Moderno e professor da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Rubens Meister ficou conhecido como o *Pai* de obras como o Teatro Guaíra —um dos símbolos culturais do estado, da rodoferroviária da capital e do Palácio 29 de Março —a casa da Prefeitura. O arquiteto ainda é responsável pelos projetos da sede da Federação das Indústrias do Paraná (Fiep), do edifício Barão do Rio Branco, do prédio da Caixa Econômica Federal na Praça Carlos Gomes, do Teatro da Reitoria e do complexo do Centro Politécnico da

vanguarda da arquitetura moderna brasileira, juntamente com outras cidades, tais como, São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte.⁸

Na data simbólica de 19 de Dezembro de 1953, e não por coincidência, a mesma que comemorou 100 anos da Emancipação Política do Paraná da Província de São Paulo, o governador do estado na época, Bento Munhoz da Rocha, com a presença do Presidente da República do Brasil, Café Filho, decide oportunamente inaugurar, mesmo que incompleto, o primeiro centro administrativo do Brasil, que desde a ideia original foi denominado de Centro Cívico.

Seguindo uma gramática arquitetônica moderna que aplicou os princípios dos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna (Xavier, 1985), ele foi coordenado por uma equipe de jovens urbanistas liderada pelo professor da Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil (Rio de

UFPR —que foi inspirado no Illinois Institute Of Technology (IIT), projetado pelo arquiteto Ludwig Mies van der Rohe, em Chicago (EUA), entre os anos de 1939 e 1958. Cf. Informativo (2015).

⁸ O Teatro Guaíra está localizado na face sul da Praça Santos Andrade, no centro da capital paranaense. Na face norte está o prédio histórico da Universidade Federal do Paraná em estilo eclético, construído na segunda década do Século XX. Este último adotou o ecletismo como linguagem, apesar das ampliações de suas laterais e modificações de seu frontão na primeira metade do século passado. Por ser a Praça Santos Andrade anterior aos dois monumentos (Século XIX), coube-lhe a função, dentre outras, de testemunhar a presença do moderno e do antigo na cidade de Curitiba.

Janeiro), David Xavier de Azambuja (desenhista do Palácio Iguaçú, a nova casa do governo estadual), cuja equipe inicial foi composta por Sérgio Roberto Santos Rodrigues (projetista do Palácio das Secretarias, mas que se transformou no Palácio da Justiça), Olavo Redig de Campos (idealizador dos edifícios que formam a Assembleia Legislativa e o seu plenário) e Flávio Régis do Nascimento. Apesar de sofrer diversas modificações antes de sua conclusão, a proposta de centralizar um conjunto de edifícios administrativos que abrigasse os principais órgãos do poder público estadual, deveria preservar os principais parâmetros monumentais do plano de urbanização do perímetro central da cidade, conhecido como Plano Agache.⁹

Desde as últimas décadas do Século XIX, a preferência curitibana era por estilos ecléticos, e com menos intensidade o *Art Decó*, já na segunda metade do Século XX. Mas a experiência por uma arquitetura moderna tornou possível visualizar uma linguagem marcada por espaços integrados e contínuos que utilizaram intensamente o vidro e o concreto armado como formas de expressão de novos conceitos. Desse modo, o Centro Cívico do Paraná é apontado como uma iniciativa pioneira responsável pela consolidação da arquitetura moderna na cidade de Curitiba,

⁹ O Plano de Urbanização de Curitiba foi concluído em 1943 e teve a contribuição do renomado urbanista francês Donat Alfred Agache.

¹⁰ Na data de 26 de agosto de 2011, o Conselho do Patrimônio Histórico e Artístico (CEPHA), da Coordenadoria de Patrimônio Cultural, órgão da

notícia ressaltada com vigor pela imprensa que enaltecia a iniciativa do governo.

A construção desse grupo arquitetônico de gigantescas proporções, que é empreendimento dos mais notáveis da engenharia nacional, obedece às mais modernas técnicas funcionais, a que se juntarão belos e impressionantes detalhes, formando um todo em que estarão reunidas à utilidade das construções, e beleza de traços e a harmonia do conjunto, características desse primeiro Centro Cívico o Brasil (Edição, 1953: 192).

O Centro Cívico do Paraná¹⁰ é também reconhecido por seus edifícios monumentais em comparação a outro marco desse estilo: o Edifício sede do Ministério da Educação e Saúde, já tratado anteriormente. Assim, como sustenta Yves Bruand:

A renovação da arquitetura foi orientada num sentido monumental com o Ministério da Educação e Saúde, onde foi abordado o tema do prédio administrativo tratado com magnificência, inúmeras vezes retomado por governos locais (por exemplo, o do Paraná, em Curitiba) (Bruand, 1981: 373).

O projeto do Centro Cívico trouxe consigo a marca da arquitetura moderna da escola do Rio de Janeiro. Mas o desenrolar

Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, aprovou o tombamento do conjunto do Centro Cívico, em Curitiba. Cf. Ofício nº 615/2011-GS de 13 de setembro de 2011.

da experiência dessa linguagem no Paraná também contou com a contribuição da escola paulista de arquitetura na formação dos profissionais do curso de arquitetura da Universidade Federal do Paraná, criado em 1962.

A Universidade Federal do Paraná: 106 anos de história

Foi pela iniciativa de um grupo de intelectuais composto por Victor Ferreira do Amaral e Silva, Nilo Cairo, Reinaldo Machado, Hugo Simas, Panfilio de Assunção, João David Pernet, Flávio Luz, Daltro Filho, Euclides Beviláquia, Júlio Teodorico Guimarães, dentre outros, que a Universidade do Paraná foi criada em 19 de dezembro de 1912, aquela mesma data em que se comemora a Emancipação Política do Paraná da Província de São Paulo (1853).

Nos primeiros meses de 1913, o governo do Estado do Paraná reconheceu a nova instituição (Lei 1284, de 27 de março de 1913), que inaugurou suas atividades acadêmicas com a oferta dos cursos de Direito, Engenharia Civil, Odontologia, Farmácia, Obstetrícia e Comércio.

Com a Reforma de Carlos Maximiliano (Decreto 11.530 de 18 de março de 1915), responsável por centralizar na administração federal a criação das instituições de ensino superior no Brasil, a Universidade do Paraná foi obrigada a se reorganizar,

em 1918, no formato de três faculdades: Faculdade de Direito (cursos de Direito e Comércio), Faculdade de Engenharia (cursos de Engenharia Civil e Agronomia) e a Faculdade de Medicina (Cursos de Medicina, Odontologia, Obstetrícia e Veterinária).¹¹ Após duas décadas, em fevereiro de 1938, foi incorporada a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e o Instituto Superior de Educação (cursos Educação, Filosofia, Química, Geografia, História, Ciências Sociais e Políticas).¹² De modo que esta nova reorganização levou o Ministério da Educação, em 1946, a reconhecer oficialmente a Universidade do Paraná.

Poucos anos seguidos do reconhecimento, a Reitoria iniciou o movimento pela federalização da Universidade do Paraná, cujo principal objetivo era transferir a responsabilidade de sua manutenção ao poder público da União. E após inúmeros debates, em 1950, o governo federal assume esta obrigação e, desde então, a universidade passou a ser denominada Universidade Federal do Paraná. É no contexto de sua federalização, que resultou na sua expansão, muito por conta dos investimentos originários do poder central, que trataremos da opção que sua administração teve na escolha de uma linguagem arquitetônica moderna para a construção de novos campi, em especial, nesse estudo, as novas instalações daquele que abrigaria a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (Edifício D. Pedro I), a Faculdade de Ciências Econômicas

¹¹ Cf. Campos (2008) e Cintra (2014).

¹² Cf. Glaser (1988).

(Edifício D. Pedro II), a Biblioteca Central (transecto) e um grande auditório (Teatro).

Arquitetura Moderna: o exemplo do Campus Reitoria da UFPR David Abujamra e Rubens Meister

Coube ao Reitor da Universidade Federal do Paraná, Flávio Suplicy de Lacerda, realizar o convite ao arquiteto David Azambuja, o mesmo do Palácio Iguazu inaugurado em 1953, para projetar um novo campus. O compromisso assumido por Azambuja com o reitor para executar a construção dos três edifícios acadêmicos não o incumbiu de projetar o teatro. Esta tarefa ficou sob a responsabilidade do colega Rubens Meister, o arquiteto que projetou o Teatro Guaíra. A aproximação entre eles foram várias, mas em nosso estudo cabe destacar a escolha que ambos tiveram pelo partido da linguagem moderna e ocuparem posições de destaque no ambiente arquitetônico paranaense. Além do currículo e a formação que tiveram na escola carioca, tinham reconhecimento pelos pares que estavam aptos a participar e contribuir com sua arte e técnica, o momento de transformação que a arquitetura universitária brasileira estava passando na segunda metade do século XX.

Para o novo campus foi destinado todo o quadrilátero que compreende as Ruas XV de Novembro, Dr. Faivre, Amintas de Barros e General Carneiro. Apesar de situar-se cerca de 650m de distância do prédio central que abrigava a Faculdade de Ciências

Jurídicas (Praça Santos Andrade) e a 500m da Faculdade de Ciências Médicas (Rua Padre Camargo), todos localizados em espaços privilegiados da malha urbana da cidade de Curitiba, o seu impacto no entorno daquela paisagem urbana não teve qualquer obra que competisse com o mesmo porte de sua monumentalidade.

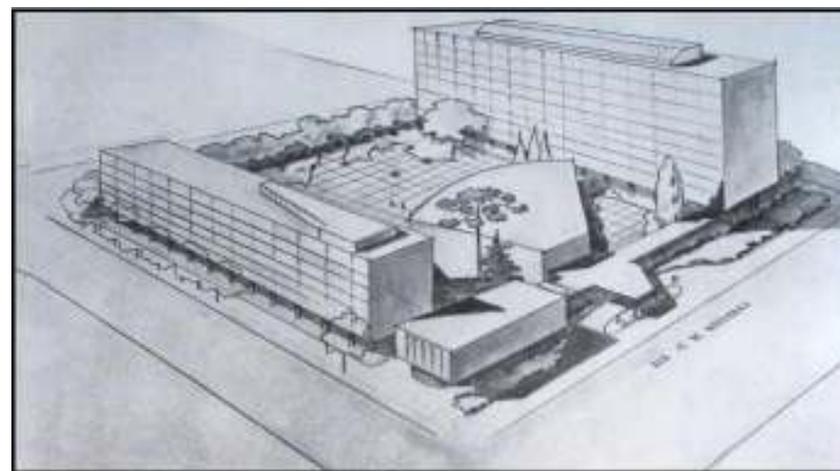


Figura 6. Estudo preliminar do conjunto arquitetônico da Reitoria da UFPR.

Fonte: Rosa (1952).



Figura 7. Estudo preliminar do Rubens Meister.
Fonte: Acervo Histórico da Universidade Federal do Paraná.



Figura 8. Estudo preliminar do conjunto arquitetônico da Reitoria da
Universidade Federal do Paraná.

Fonte: Rosa (1952).

Do ponto de vista da linguagem arquitetônica, a horizontalidade de linhas rígidas nos três estudos indicados acima está plenamente harmonizada com as vanguardas europeias. Com poucas variações entre os estudos e a sua execução, o projeto final é composto por dois edifícios de altura desigual, ligados por um transecto de três pavimentos que interliga os dois edifícios maiores por galerias localizadas no segundo e terceiro piso. O corpo mais alto (Edifício D. Pedro I) está composto com 11 andares e nele foi instalada a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, o menor (Edifício D. Pedro II) com 8 andares, a Faculdade de Ciências Econômicas, o transecto que no projeto original deveria funcionar

a Biblioteca Central, para ele foi transferida a Reitoria da Universidade, o que ocasionou este complexo a ser denominado de Campus Reitoria. E por fim, o Teatro da Reitoria.¹³

97



Figura 9. Estudo preliminar do conjunto arquitetônico da Reitoria da Universidade Federal do Paraná.

Fonte: Rosa (1952).



Figura 10. Diferentes fases da execução do Campus Reitoria.
Fonte: Acervo Histórico da Universidade Federal do Paraná.

A adoção de *brise-soleil* fixas de estrutura sanfonada de concreto armado, composta por pestanas verticalizadas voltadas para o lado sul, que seguem a modulação das esquadrias, permitiram, por um lado, a iluminação sem intensidade excessiva

¹³ O primeiro edifício localizado na Rua Dr. Faivre (D. Pedro II) foi entregue em 26 de abril de 1956, e passado dois anos, em 1958, foi a vez daquele localizado na Rua General Carneiro (D. Pedro I).

e, por outro, a ventilação cruzada. Este recurso de abertura teria a função de adequação climática que deveria contribuir para o conforto dos usuários (estudantes, professores e servidores técnico-administrativos), tais como o ganho de calor e a iluminação natural do sol.

Na face leste dos Edifícios D. Pedro I e D. Pedro II foram utilizadas *curtainwall* (paredes cortinas) formadas por painéis de vidro emoldurados em esquadrias que traduzem transparência e leveza ao possibilitar a penetração da luminosidade às áreas de circulação. Podemos afirmar que estas camadas de pele de vidro que revelam o interior do edifício pela lateral onde estão localizadas as rampas de circulação interna que permite o acesso entre um andar e outro, é uma das orientações *bauhausianas* que saiu da prancheta de Gropius e que influenciou o desenho de David Azambuja.

Diferente da face leste do Edifício D. Pedro I, para além do uso do *curtainwall*, excepcionalmente compõe a face oeste do Edifício D. Pedro II, grandes cortinas de tijolos de vidros, referência direta aos edifícios em pelo de vidro prospectados por Mies Van der Rohe, que utilizou de modo recorrente esse recurso em seus princípios.



Figura 11. Diferentes fases da execução do Campus Reitoria.
Fonte: Acervo Histórico da Universidade Federal do Paraná.



Figura 12. Edifícios D. Pedro I e D. Pedro II (Campus Reitoria).
Fonte: Acervo Histórico da Universidade Federal do Paraná.

¹⁴ Este pátio foi utilizado durante anos como estacionamento de veículos oficiais da administração e de funcionários da universidade. Na década de 1980, ele foi definitivamente transformado em espaço de circulação e lazer, utilizado



Figura 13. Detalhe do Edifício D. Pedro I (Campus Reitoria).
Fonte: Acervo Histórico da Universidade Federal do Paraná.

Os edifícios são muito parecidos na concepção do projeto e na questão da distribuição dos espaços —mesma linguagem com características relevantes da arquitetura moderna, tais como o uso de pilotis que, nesse exemplo, viabilizaram a passagem regular de transeuntes, permitindo cruzar o ventre dos edifícios levando-os a acessar o pátio que os separam.¹⁴

regularmente para manifestações políticas das categorias da comunidade universitária.



Figura 14. Vitral da Capela Nossa Senhora do Carmo (Campus Reitoria).
Fonte: Acervo Histórico da Universidade Federal do Paraná.

100

Diferentes de outras paisagens arquitetônicas modernistas, para este projeto não foi uma preocupação imediata de David Azambuja investir em parceria com artistas plásticos, escultores ou paisagistas para compor a arquitetura do Campus Reitoria, a única condição que ele privilegiou foi o de acomodar o vitral de artista desconhecido, representando a *via crucis*, instalado na capela no primeiro pavimento do Edifício D. Pedro I.¹⁵

No que diz respeito a participação de Rubens Meister, ela reside na sua contribuição como o arquiteto do Teatro da Reitoria. Sua intervenção soube harmonizar o espaço que fora destinado com a linguagem adotado por Azambuja, tornando-o integrado ao conjunto, apesar de não ter adotado a verticalização como gabarito.

¹⁵ A inauguração e consagração de uma capela católica (Nossa Senhora do Carmo) no espaço interior de uma instituição laica não se tornou tema polêmico na comunidade universitária daquele tempo. Em 2014, ela foi restaurada na

Inaugurado em 1958, o Teatro da Reitoria foi projetado para abrigar 700 pessoas e contava na época com toda a infraestrutura necessária para funcionar como casa de espetáculos, mas também para cerimônias de formaturas, assembleias dos sindicatos das categorias da universidade e múltiplos eventos acadêmicos.

gestão do Reitor Zaki Akel Sobrinho e reconagrada pelo arcebispo de Curitiba, D. Rafael Biernaski, com o compromisso dela doravante ser um espaço ecumênico de reflexão.

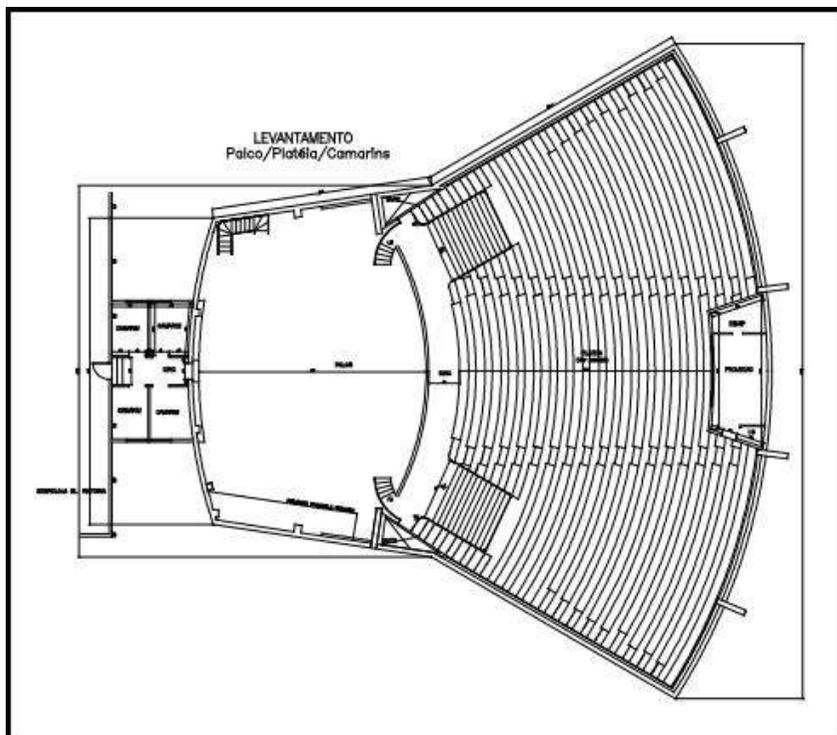


Figura 15. Planta do auditório do Teatro (Campus Reitoria).
Fonte: Acervo Histórico da Universidade Federal do Paraná.

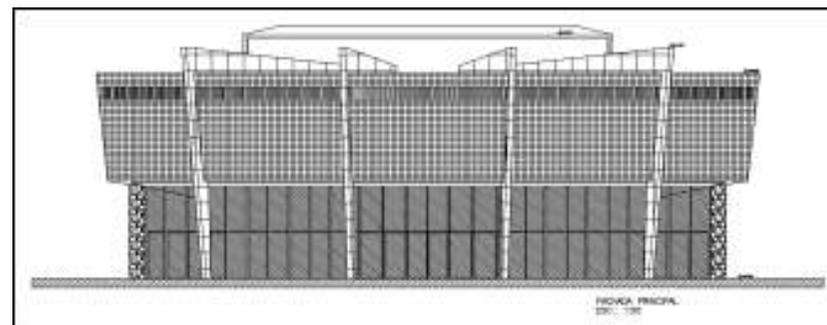


Figura 16. Fachada do auditório do Teatro (Campus Reitoria).
Fonte: Acervo Histórico da Universidade Federal.

São também significantes a moderna ambientação de seus interiores, a visibilidade do palco de 120m², o *foyer* e os seus camarins que, para além do atendimento do programa almejado pela reitoria de modernizar a universidade, presenteou a cidade com um novo espaço cosmopolita destinado ao espetáculo teatral e musical. Assim, esse delicado e funcionalista edifício teatral, que aplicou em sua fachada principal uma cortina envidraçada emoldurada por colunas de sustentação que se prolongam por toda a cobertura, foi, em grande parte, singular na arquitetura de teatros e protagonista da modernização da dramaturgia paranaense ao emprestar seu tablado para inúmeras expressões de vanguarda.

Considerações finais

Considero que na história da arquitetura do Paraná, o Campus Reitoria da UFPR está inserido no movimento moderno quando utilizou soluções formais e exemplares dessa linguagem influenciados por conceitos arquitetônicos que foram assimilados pelas experiências dos arquitetos paranaenses David Azambuja e Rubens Meister na tentativa de inserir referências projetuais recomendadas por Le Corbusier, Walter Gropius e Ludwig Van der Rohe. Certamente, o discurso dessas linguagens está presente no emprego que fizeram de grandes superfícies de vidro protegidas, quando necessário, por *brise-soleil* e o uso de estruturas livres apoiada sobre pilotis, são características indeléveis desse movimento.

Ao refletir de modo mais amplo acerca da arquitetura moderna no Brasil, o Campus Reitoria da UFPR manteve estreita vinculação com as gramáticas de outras obras construídas nos Campus e Cidades Universitárias espalhados pelo Brasil. Especificamente para a cidade de Curitiba dos anos de 1940, nota-se pelo discurso construído da grande imprensa o enaltecimento que a posicionaria como símbolo de cidade moderna em direção à prosperidade que deveria, certamente, ser alvo de admiração de outras cidades brasileiras, em particular, com a implementação de seu primeiro plano de desenvolvimento urbano, conhecido como Plano Agache. Na década seguinte (1950), ela testemunhou em seu próprio tecido, as transformações que as construções de um

conjunto considerável de obras arquitetônicas públicas, em especial, resultou na sua configuração urbana.

Este orgulho exacerbado foi, em certa medida, consequência do canteiro de obras monumentais instalado na Curitiba na década de 1950. Dentre elas merecem ser citadas, o Grupo Escolar Tiradentes (Rubens Meister, década de 1950), Banco Comercial do Paraná (Romeu Paulo da Costa, 1953), Centro Cívico do Paraná (David Xavier de Azambuja, 1953), Biblioteca Pública do Paraná (Romeu Paulo da Costa, 1954), Teatro Guaíra (Rubens Meister, 1954), Palácio Iguazu (David Xavier de Azambuja, 1954), Hipódromo do Tarumã (Edmir D’Avilla, 1955), Departamento de Estradas e Rodagens (Ayrton Lolo Cornelsen, 1955), Centro Politécnico da UFPR (Rubens Meister, 1956, dentre outros).

Assim, podemos afirmar que os projetistas do Campus Reitoria da UFPR mantiveram fortes ligações com as manifestações inspiradas nos mestras das vanguardas arquitetônicas internacionais, mas não deixando de lado as trocas estabelecidas com o movimento moderno no Brasil.

Pelo conjunto de sua composição, que comprovadamente é reconhecido como alinhado à história do movimento modernista, foi que no final de 1997 ele foi registrado como bem tombado e protegido pela Coordenação de Patrimônio da Secretaria de Estado e Cultura do Paraná [Número de inscrição (123) Livro Tombo (II) n.º do processo (002/95)].

Por fim, a arquitetura do Campus Reitoria expressa beleza plástica do objeto construído, transformando-o segundo a tópica de Vinão (1998), em um espaço universitário enquanto território. Ao longo das décadas, esta plasticidade tem reproduzido reações enaltecidas que reconhecem o impacto dessa arquitetura no cenário da universidade, mas também o desagrado é audível nas queixas de seus usuários, possivelmente pela disposição interna de seu espaço, decorrente do crescimento do número de unidades administrativas, de pesquisa e de ensino; a ausência de um espaço adequado para o lazer e o esporte coletivos; a insatisfação de um espaço que foi adaptado para exposições artísticas (hall do Edifício D. Pedro I); a falta de obras de arte contemporânea espalhadas nos locais de grande circulação; não existir um centro de convivência para a comunidade universitária; instalações sanitárias insuficientes à população de usuários; proteção acústica escassa que não impede os sons da malha urbana, em especial, os originários do intenso tráfego de automóveis em todas as vias de seu quadrilátero etcetera, etcetera e mais etcetera. Todas elas, circunstâncias justificadas de um território que neste ano de 2019 completa 61 anos, e traz consigo o peso de uma responsabilidade de não atender as expectativas da sua comunidade universitária, para além do que lhe foi prometido em 1958.

Tais críticas demonstram, certamente, a insatisfação dos usuários contemporâneos com o espaço de experiência vivenciada nesse objeto arquitetônico, as quais residem não somente em seus aspectos formais, mas também em sua configuração volumétrica.

Contudo, enquanto foi possível, essa arquitetura soube bem utilizar em sua dimensão funcional e simbólica, o discurso moderno presente na primeira metade do Século XX, o que permitiu, segundo Habermas (1985, p. 29), «[...] que se unissem livremente o viés estético do construtivismo e a vinculação a finalidades do funcionalismo estrito».

Recibido: 15 de junio de 2019

Aceptado: 29 de julio de 2019

Referencias bibliográficas

- Bruand, Yves (1981). *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- Campos, Névio (2008). *Intelectuais paranaenses e as concepções de universidade (1892-1950)*. Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná.

Capelato, Maria Helena Rolim (1998). *Multidões em cena: propaganda política no Vargasismo e no Peronismo*. Campinas: Papirus.

Cintra, Érica Piovan Ulhôa (2014). *História, Ciência, Saúde e Educação: a institucionalização da ciência médica e a Faculdade de Medicina do Paraná (1912-1946)*. Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná.

Costa, Lúcio (1991). *Brasília, cidade que inventei. Relatório do Palno Piloto de Brasília / elaborado pelo ArPDF, CODEPLAN, DePHA*. Brasília: Governo do Distrito Federal.

— . *Registro de uma vivência*. São Paulo: Empresa das Artes.

Glaser, Niroá Zuleika Rotta Ribeiro (1988). “Educação na História da UFPR: apontamentos para uma minuta cronológica”, em *Educar*, número 7 (1/2), pp. 13-58, disponível em [https://bit.ly/2NlQO7Z], consultado 12/10/2018.

Gomes, Rosa (1952). *Curitiba, monografia editada sob os auspícios da Prefeitura Municipal*. Curitiba: Habitat.

Gonçalves, Josilena Maria Zanello (2001). “Arquitetura Moderna no Centenário da Emancipação Política do Paraná: a construção de um marco de referência”. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Carlos, SP, Brasil.

Habermas, Jürgen (1985). *Die Neue Unübersichtlichkeit*. Frankfurt am Main: Suhrkamp.

Neto, Lira (2012). *Getúlio: dos anos de formação à conquista do poder (1882-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras.

Niemeyer, Oscar (2004). *Minha arquitetura. 1937-2004*. Rio de Janeiro: Editora Revan.

Reis Filho, Nestor Goulart (1983). *Quadro da Arquitetura no Brasil*. São Paulo: Perspectiva.

Schwartzman, Simon; Bomeny, Helena Maria Bousquet & Costa, Vanda Maria Ribeiro (2000). *Tempos de Capanema*. São Paulo: Paz e Terra-Fundação Getúlio Vargas.

Segawa, Hugo (1998). *Arquiteturas no Brasil. 1900-1990*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

Segawa, Hugo (2006). “Arquitetura na Era Vargas: o avesso da unidade pretendida”, em Pessôa, José; Vasconcelos, Eduardo; Reis, Elisabete & Lobo, Maria (comps.). *Moderno e Nacional*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, pp. 83-99.

Viñao, Antonio (1998). “L’espace et le temps scolaire comme objet de l’histoire”, em *Histoire de l’Éducation*, numero 78, pp. 89-108.

Xavier, Alberto (1985). *Arquitetura Moderna em Curitiba*. São Paulo: Editora Pin.

Fontes

“Edição Comemorativa do Centenário do Paraná (1953, dezembro)”, em *Ilustração Brasileira*, numero 224.

Informativo (2015, 25 de março). Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Paraná.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (1958). *Processo de tombamento do edifício ex-Sede do Ministério*

da Educação e Saúde Pública, atual Palácio Capanema. Processo nº 375, T-44. Arquivo Noronha Santos.

Rosa, Gomes (1952). *Curitiba*. Curitiba: Prefeitura Municipal.

Secretaria de Estado da Cultura do Paraná (2011). *Ofício n. 615/2011-GS, de 13 de setembro de 2011*. Conselho do Patrimônio Histórico e Artístico (CEPHA), da Coordenadoria de Patrimônio Cultural.

Ilustrações

Figura 1. Edifício do Ministério da Educação e Saúde Pública (Atual Palácio Capanema). Fonte: Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional.

Figura 2. Plano Piloto de Brasília, de autoria de Lúcio Costa, vencedor no Concurso Nacional do Plano Piloto da Nova Capital do Brasil, em 1956. Fonte: Costa (1991).

Figura 3. Palácio do Congresso Nacional (Brasília). Fonte: Biblioteca do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Figura 4. Palácio do Planalto (Brasília). Fonte: Biblioteca do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Figura 5. Supremo Tribunal Federal (Brasília). Fonte: Biblioteca do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Figura 6. Estudo preliminar do conjunto arquitetônico da Reitoria da UFPR. Fonte: Rosa (1952).

Figura 7. Estudo preliminar do Rubens Meister. Fonte: Acervo Histórico da Universidade Federal do Paraná.

Figura 8. Estudo preliminar do conjunto arquitetônico da Reitoria da Universidade Federal do Paraná. Fonte: Rosa (1952).

Figura 9. Estudo preliminar do conjunto arquitetônico da Reitoria da Universidade Federal do Paraná. Fonte: Rosa (1952).

Figura 10. Diferentes fases da execução do Campus Reitoria. Fonte: Acervo Histórico da Universidade Federal do Paraná.

Figura 11. Diferentes fases da execução do Campus Reitoria. Fonte: Acervo Histórico da Universidade Federal do Paraná.

Figura 12. Edifícios D. Pedro I e D. Pedro II (Campus Reitoria). Fonte: Acervo Histórico da Universidade Federal do Paraná.

Figura 13. Detalhe do Edifício D. Pedro I (Campus Reitoria). Fonte: Acervo Histórico da Universidade Federal do Paraná.

Figura 14. Vitral da Capela Nossa Senhora do Carmo (Campus Reitoria). Fonte: Acervo Histórico da Universidade Federal do Paraná.

Figura 15. Planta do auditório do Teatro (Campus Reitoria). Fonte: Acervo Histórico da Universidade Federal do Paraná.

Figura 16. Fachada do auditório do Teatro (Campus Reitoria). Fonte: Acervo Histórico da Universidade Federal.